



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

CARTOGRAFIA DE PESQUISAS EM PROCESSO - PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM CAMPO EXPANDIDO – TRABALHO DE CAMPO, IMERSÕES, ITINERÂNCIAS, AÇÕES EM TEMPO REAL

CARTA PARA WLAD: RASTEJOS DE UMA CARTOGRAFIA-OFÍDIA POR ENTRE RISOS DA FLORESTA AMAZÔNICA

ANDRÉA BENTES FLORES, WLADILENE DE SOUSA LIMA

FLORES, Andréa Bentes; LIMA, Wladilene de Sousa. Carta para Wlad: rastejos de uma cartografia-ofídia por entre risos da floresta amazônica. Belém: UFMG/UFPA. Professora da Escola de Teatro e Dança da UFPA; Escola de Belas Artes da UFMG (DINTER UFMG/UFPA); doutoranda em Artes; orientação Antonio Barreto Hildebrando. Professora da Escola de Teatro e Dança e do Programa de Pós Graduação em Artes da UFPA.

RESUMO

Este escrito, poeticamente tecido como uma carta entre as autoras, comunica rastejos epistemológicos de um processo de pesquisa-cena em andamento, acerca de comicidades da Amazônia, entranhadas na floresta profunda. A pesquisadora, em uma cartografia-ofídia, atravessa os três movimentos de seu corpo no processo, transmutando-se em seres encantados da Amazônia, contaminada pelo perspectivismo ameríndio e por conceitos como metamorfose e canibalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia-ofídia: Amazônia: comicidade: perspectivismo.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

RESUMEN

Este escrito tejido poéticamente como una carta entre las autoras, anuncia arrastros epistemológicos de un proceso de investigación-escena en curso, sobre comicidades de la Amazonía, arraigadas en la selva profunda. La investigadora, haciendo una cartografía-ofidio, atraviesa los tres movimientos de su cuerpo en el proceso, transmutándose en seres encantados de la Amazonia, contaminada por el perspectivismo amerindio y conceptos como metamorfosis y canibalismo.

PALABRAS CLAVE: Cartografía-ofidio: Amazonía: comicidad: perspectivismo.

ABSTRACT

This writing poetically woven as a letter between the authors, announces epistemological tracings of a research-scene process in progress, about comicalities from the Amazon, rooted among the deep forest. The researcher, in performing an ophidia-cartography, crosses the three movements of her body in the process, transmuting herself into enchanted beings from the Amazon, contaminated by amerindian perspectivism and concepts like metamorphosis and cannibalism.

KEYWORDS: Ophidia-cartography: Amazon: comicality: perspectivism.

Belém, 15 de julho de 2016.

Querida Wlad,

Tenho cheiro de onça. Não estranhe como começo esta carta, depois vás entender. É que assim resumo o que consigo ver, até aqui, do que está acontecendo comigo nos trânsitos deste novo movimento de pesquisa em que estou me metendo, em que estamos nos metendo. Esta Amazônia que estamos descobrindo está enraizando nosso corpo (tens a sensação, como eu, de que não sabíamos de fato da existência dessa floresta?). Estados alterados de consciência geram mudanças em nosso olhar. Passamos

- 445 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

a enxergar doutra forma este território e a geografia passa a compor nossos órgãos. Lembro de tua miraçãoⁱ, daquela cobra que te arrastou por léguas. Sabes que não tenho bem certeza se sentaste sobre a cobra para que ela te levasse ou se viraste cobra, da cintura para baixo, sem dar-te conta?

Serva em ciladas
olha a cobra-grande.
Rio após rio, entre
estuários, passa. Em
si a idade passa e
cobra o tempo ido
ao fui e terei sido.

E quem sabia o segredo do caminho
morreu desconhecendo seu destino.

(PAES LOUREIRO, 2015, p.87)

Desconhecemos o caminho por onde temos seguido. Habitantes de Amazônia urbana, somos estranhas nas terras de dentro da floresta, essa mesma que nos circunda, que rodeia a cidade de Belém e alastra-se, cada vez mais ameaçada, pelo Brasil, pelo estrangeiro, pelos Outros. Às vezes penso que esses Outros somos nós, ou fomos nós, que, mesmo visitando as referências locais, nunca havíamos nos deixado alterar pela epistemologia da floresta ao redor de nós. Agora a floresta nos cobra. Tua cobra, tu-cobra, te cobra o tempo vivido aqui, quem tu és, quem tens sido. E te arrasta pela correnteza, rio após rio, o destino. Eu roubo tua cobra (eu te roubo) para dizer de meu processo de pesquisa nesses meandros.

Deixo-me serpentear pela correnteza nos fluxos dos encontros, do vivido. Território-mistério, que não pode ser desvendado, mas cartografado, cobreado. Em processo de cobreamento, o mapa-criação que começo a traçar busca comichidades de dentro da



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

floresta, enquanto eu rastejo sobre meu ventre, em movimentos ondulatórios que definem um contorno incerto. É a trajetória de quem parte e volta, fechando um ciclo. Ao final, um rastro de cobra que não sei ao certo se é meu ou do animal que me conduziu. Uma cartografia-ofíδια, uma configuração possível do território, plasmada em criação teatral, de quem viveu para conhecer seu destino, dentro da região onde sempre estive e não conhecia de fato. E é preciso rastejar para reconhecer.

A Amazônia ruralⁱⁱ é, de fato, um território novo, como o é todo território cartográfico de pesquisa. Recorro à cobra como estratégia de entrada na floresta desconhecida. Reversível e aberto, o trajeto da cobra, meu movimento de serpentear, agrega pistas que encontro pelo caminho, aqui e ali, permitindo volteios, montagens e desmontagens, conforme traça seus contornos, em processo. Um mapa revela sempre as múltiplas entradas, pelas quais é possível adentrar no território (DELEUZE, GUATTARI, 1995). Estado de abertura. Claro. Não saberíamos dizer onde inicia a floresta.

O que, entretanto, joga-me floresta adentro? Tu já sabes, mas vou te responder. É que me falta algo. Há um vazio:

Se sinto a falta de alguma coisa essencial para mim, o acordo dentro de mim não é perfeito. É como se um fragmento de vazio estivesse aí, em mim, e eu quisesse preenche-lo, e, para tal, me visse obrigado a colocar-me em marcha. Esse estar em viagem, para encontrar como aplacar o vazio, revela o sentido do que me impulsiona e nutre (BARBA, 1991, p.21).

Não é a primeira vez que aciono esse estado de estar em viagem, tu sabes. Comecei flanando na rua, havia um vazio na minha casa, que gerou um deslocamento pela cidade, pelas feiras livres de Belém (FLORES, 2011). Não foi necessário sair da cidade, não havia lastros de vazio para além da moradia, do espaço convencional de teatro, do território de composição do meu corpo cômico clownesco. A atriz palhaça de Belém inquietada

- 447 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

com seus fazeres assentados no contexto urbano, foi-se embora para a rua. Desloquei-me de minha residência e do edifício teatral.

No segundo deslocamento, corpo que exaspera para o encontro com o outro, eu estava destroçada. As esperanças não atendidas da artista, a falta de credibilidade pessoal em meu trabalho, a solidão. Minhas referências de palhaçaria, meu dar-me conta do gênero da palhaça e do lugar onde atua, Amazônia. Aqui a tensão era maior. Se antes a crise era mínima, aqui ela tomava meu fôlego, não havia ar. Precisava sair para respirar. O território vazio ampliou-se da casa para a permanência já impossível na cidade de Belém, que agora me tensionava, embora eu não quisesse deixá-la em definitivo. O corpo viajante, então, arriscou-se saindo da geografia cotidiana, transitando por outras cidades da imensa Amazônia que fui procurar (FLORES, 2014). Terminou por descobrir que nunca esteve tão perto de seu território de pertencimento. Amazônia alterou-me e reconfigurou-me na cidade.

Agora reconheço novas tensões no meu corpo. A vibração é absurda. A cena é meu caminho porque poetizar a pesquisa acompanha a poetização por que passo por inteiro. Tu passas também, eu sei. É que neste momento o vazio, o incômodo, a desarmonia está nas epistemologias que configuram meu corpo até então. Por este motivo, meu modo de vida, minha visão de mundo, minha PERSPECTIVA, junto com a Amazônia urbana que conheço, começam a esvaziar-se. Esvazia meu riso. E eu preciso viajar dentro do corpo, experiência endógena, na imensidão de uma experiência geográfica exógena em outros modos de viver, outras trilhas, outros saberes. Entranhar na mata, como quem SE entranha. E mais uma vez eu vou rindo. Eu rio. Mas agora Eu-Rio. Eu-onça. Eu-cobra. Eu-ayahuasca.

Sinto medo. Essa é a primeira sensação que tenho. Nosso corpo, nosso pensamento ocidental, Wlad, está ameaçado dentro da floresta. São muitos os que se perdem, que



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

são devorados. Eu tremo de medo de cobra, de onça, do Mapinguariⁱⁱⁱ, do Curupira^{iv}, da Matintaperera^v. Nunca foi fácil desocidentar um modo de pensar o conhecimento.

Meu medo assemelha-se ao da ciência, a defender-se dos movimentos e fluxos próprios à pesquisa, das variáveis, dos encontros consigo. Caçadora de limites e afastamentos, assustada e ameaçada pelos encantados da floresta, é presa fácil ali. A ciência tenta purificar o objeto, tende a controlar suas práticas, prevendo todo o percurso de antemão. Afasta o objeto do si mesmo do pesquisador, como também de sua história e das incontáveis conexões que o ligam ao mundo (BARROS; KASTRUP, 2009).

Os encantados assustam a ciência. Ouve o terrível som dos animais, sua frio, sabe que está prestes a ser devorada. Ela corre, assombrada. Tropeça nas raízes das árvores que parecem ter sido postas ali de propósito. Ainda bem que não somos ciência. Somos arte. Mesmo assim, por quanto tempo correremos de medo? Por quanto tempo estivermos de costas para o rio?

Sobre o medo, alerta Padrinho Sebastião (ALBUQUERQUE, 2009, p.42),

Mestre do Santo Daimé^{vi} já falecido, rezador e curandeiro, filósofo da floresta^{vii}:

Vocês vivem correndo, com mais medo do que coragem. É preciso coragem pra ser. O medo vem da ilusão! Já que a natureza criou tudo, eu vou lá me assombrar com alguma coisa? [...]. Medo não adianta pra ninguém, só tira o valor que a gente tem.

Sigo sua lição. Deixo o medo para trás e acabo descobrindo que há outras epistemés disponíveis na floresta. Na perspectiva ameríndia, cada ser sobre a terra carrega consigo um atravessamento de fluxos míticos anteriores à forma com a qual costumamos identificá-los. Assemelhamo-nos pela mútua convivência com um outro lado de nós



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

mesmos, mais antigo, ancestral, que transformou-se noutras peles de planta, bicho e gente. Diferentemente da perspectiva ocidental de crescente transformação da natureza em cultura, no pensamento ameríndio passamos da cultura para a natureza, como explica Viveiros de Castro (2015). Os animais perderam gradativamente atributos humanos. E os humanos nada têm de tão diferente deles. Algo nos une, em movimento, rompendo com as formas estáveis que nos definem.

Resolvo, assim, fundamentar-me epistemologicamente no abandono do medo, deixando para trás as tentativas de controle e purificação do objeto, ilusão da ciência régia. Objeto e sujeito já não fazem mais sentido. Não se distinguem mais. Fundidos, corajosamente, forjam-se um no outro, linhas emaranhadas, metamorfoseadas.

Não sou o caçador. Eu sou a mata. Agora tento assumir novas perspectivas e entro em velozes metamorfoses. Curupira, guardião da mata, perde seu caráter assustador e ganha comicidade bufônica, que cobra seu lugar em meu corpo. A pesquisadora transmuta-se em Curupira, rindo da própria aparência, dos pés virados, cabelos vermelho-vivo. Pesquisadora-Curupira que adentra a floresta porque como artista local quer defendê-la. Eu gargalho. Enquanto o riso me invade, revelo o motivo de minha busca cartográfica: comicidade.

Descobri, Wlad, que alguns xapiri^{viii} aparecem rindo diante dos meninos e meninas indígenas a quem seus olhos reconhecem e por quem se interessam para que se tornem xamãs no futuro. Pode ser um risinho doce, como da mulher das águas a divertir-se com o desespero do xamã yanomami em processo de iniciação, desajeitado ao tentar recuperar suas flechas no chão, após terem se tornado serpente. Mas há também o riso grotesco, maléfico, como o da lua, aparecendo em sonho a Davi Kopenawa:

Acontecia também de eu ver o espírito lua, que parece um humano envolto por um halo de claridade intensa. Voava em minha direção e chegava bem perto de

- 450 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

mim, e de repente começava a dar gargalhadas. Mostrava seus caninos proeminentes, enquanto sua barba e seus cabelos luminosos tremulavam na escuridão (KOPENAWA; BRUCE, 2015, p.93).

Fico imaginando se quando saímos pela noite, a degustar nossas cervejas, o espírito lua gargalha junto conosco de nossas barbaridades. Já dissemos muito sob testemunha dos olhos do astro. Talvez seja ele quem nos protege dos perigos de nosso estado de embriaguez, neste mundo urbano onde tudo é um eterno e (in)completo fingir concretude, racionalismo, lucidez.

As formas de riso local interessam-me enquanto Curupira. Procuo por pistas de comicidade local, como essas, entre os escritos e poéticas que emergem das entradas na floresta. O riso, o risível, o cômico. Riso indígena, ritual, sagrado. Riso epistêmico. Comicidade que desloca o que ri para uma zona de questionamento e validação de seus saberes, motivações, crenças, modos de vida. Curupira, moleque travesso, que ri assustando os caçadores da floresta, é meu primeiro movimento de pesquisa. E aqui entre nós, mana, sei que, como eu, tu gostas da malinagem presente no riso do Curupira. Algo em nós comunica-se com ela. Tenho rastreado as obras, sobretudo locais, produzidas na tensão de dois focos eleitos: mitos e sociabilidades ameríndias, buscando traços de comicidade.

Sigo gargalhando, trapaceando, malinando. Antes que me dê conta, vejo crescer estranhos e espessos pêlos em meu corpo. Pêlos duros, resistentes a bala. Percebo que passo a sentir uma incontrolável vontade de devorar cabeças. Cuidado com a tua, inclusive. Em nova metamorfose, torno-me Mapinguari. Enorme, gritando pela pesquisa, desejante de devorar humanos. Antropofagia. Canibalismo.

“O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado” (ROLNIK, 2007, p.65). A pesquisadora Mapinguari propõe

- 451 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

antropofagia de fontes para demarcar seu percurso de teorização. “Sei porque sei, não porque li”, diz novamente Padrinho Sebastião (ALBUQUERQUE, 2009, p.27). Eu, pesquisadora-Mapinguari não me contento em permanecer lendo e coloco meu corpo em viagem, serpenteando a floresta em busca de comunidades tradicionais para onde deslocar-me, em minha fome canibal.

A comunidade onde se origina um mito, uma notícia veiculada na mídia, a informação de outros pesquisadores sobre territórios e sujeitos com indícios de serem potencialmente relevantes para a pesquisa, são alguns dos impulsos para meus trânsitos. Ao mesmo tempo, as viagens e os encontros por elas proporcionados podem desviar meu caminho, interrompê-lo, alterá-lo. No segundo movimento desta cartografia-ofíδια, desloco-me em busca de encontros presenciais, montada na cobra (ou virando cobra?). Nesses encontros, devoro e registro experiências, relatos, imagens e sonoridades. Encontro marcado por acontecimento, transmissão, contágio. Encontro com novas geografias, pontes, passagens, rios amazônicos. Transmitir, contagiar, e praticar canibalismo.

Sabes que entre os Kaxinawa, etnia indígena localizada entre o Acre e partes da Bolívia e do Peru, o canibalismo teria sido prática comum no passado? Eles contam que quando seus antepassados ficavam zangados com alguém, por ciúmes, por exemplo, de seu grande roçado, o envenenavam e comiam. Diziam que a carne parecia cozida com azeite e bem torrada. Quando matavam homens de outras comunidades indígenas, porém, eles não comiam. Matavam para pegar ferramentas e objetos de valor, enterravam no meio da casa e até choravam sua morte, mas comer não. A carne deles “[...]tinha cheiro de onça” (CAMARGO et al, 2003, p.65).

Eu-Mapinguari empresto o hábito ameríndio de canibalismo. Acho que estou enlouquecendo porque imagino que devia ser uma delícia, quase sinto o gosto de carne torrada com azeite. O que me altera nesse relato da história dos Kaxinawa, entretanto,



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

é a motivação do ato de devorar o outro. Aqui não se devora para exterminar. Percebes, Wlad, que existe interesse e necessidade de algo que o outro tem? É o que sinto. Tenho ciúmes do roçado deles. Ferramentas de vida, objetos de valor artístico e cômico interessam-me. O fundo de tudo parece ser meu desejo de aproximação com a floresta profunda, com a episteme que pulsa mata adentro.

É menos o conteúdo simbólico da prática canibal ou a função social, mas uma mudança de ponto de vista, como explica Viveiros de Castro, em sua definição do canibalismo, por meio da análise das práticas canibais entre os araweté e os tupinambá:

[...] um deslocamento pragmático, uma torção ou translação de perspectiva que afetava os valores e as funções de “sujeito” e de “objeto”, de “meio” e de “fim”, de “si” e de “outrem”. [...] um processo de transmutação de perspectivas, onde o “eu” se determina como “outro” pelo ato mesmo de incorporar este outro, que por sua vez se torna um “eu”, mas sempre no outro, através do outro (“através” também no sentido solecístico de ‘por meio de ‘). [...] O canibalismo e o tipo de guerra indígena a ele associado implicavam um movimento paradoxal de autodeterminação recíproca pelo ponto de vista do inimigo (VIVEIROS DE CASTRO, 2015, p.159-160).

Esse ato de mútua incorporação, de assimilação de outro ponto de vista sobre o Eu, agrega agenciamentos em meu corpo. Nosso corpo. Devoro, modificando nosso afastamento geográfico e cultural. Nos transmutamos. Reconfiguro a alteridade. E, devagar, eles deixam de ser Outros em mim e eu neles, para nos tornarmos um no outro. Eu como, alimento-me e preencho este vazio de corpo. Incorporo o outro, que se torna um eu, mas mantendo sua condição de outro. O ato digestivo que decorre desse movimento fornece energia para minhas células, que novamente entram em metamorfose.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Como quem entra em estado alterado de consciência, ouço vozes. Vou aguçando meus ouvidos e consigo distinguir o grito de uma feiticeira amazônica na hora da morte. Temos muitas, Wlad. Mulheres-xamã, pajés, nem sempre bem vistas pelas comunidades onde surgem. Talvez por aquele velho medo de mulheres poderosas, que tentou, sem sucesso, queimar na fogueira o poder do feminino. Talvez a feiticeira a quem ouço estivesse na fogueira. Não sei. Sei que, prestes a morrer, lança sua voz em meus ouvidos: “quem quer?”. Ávida e desavisada, cheia de carne humana no estômago, respondo à pergunta sem pensar, por instinto e magia, sem saber ao certo o que me vem: “eu quero”^{ix}.

E o que me vem é o fado de tornar-me Matintaperera, transmitido pela outra enfadada, que falecia. Ela repassa-me o encanto. Eu ganho o poder de transmutar-me em pássaro pelas noites e desvirar durante o dia para vir buscar a prenda: cachimbada de tabaco. Pesquisadora-Matintaperera agora passa a vida a transmutar-se. Feiticeira, usa seus poderes para transver, em indutores poéticos, os mapas sobre escritos e aqueles advindos das vivências. E faço da criação cênica, por meio de bruxaria, uma poética que motiva e territorializa toda a pesquisa. Há tempos somos bruxas, não? Criando, transvendo, girando o mundo no teatro. Que encanto!

Vens comigo, não? Tu és minha parceira. Se as distâncias forem muito longas, se ficar difícil subir na canoa, não te preocupes. Podes não estar presencialmente. Te escreverei cartas, como esta, onde estiver. E vamos fazer feitiçaria juntas. Nesta cartografia-ofídia, a cobra nos acompanha. Até nos devorar.

Beijos, Andréa Flores.

Quem comanda o rio?

O mito?

- 454 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

A lei?

A lenda?

Onde se perde o mapa,

o portulano?

Em que meridiano, norte ou sul,

ou em que pólo?

Amazônia

Amazônia

quem

te ama?

Quantas vezes, no tempo, o rio encheu-

se, E, quantas outras, vazou? O rio não

tem consciência de

si mesmo e sua existência é ser corrente (PAES LOUREIRO,

2015, p.162).

Belém, 24 de outubro de 2016.

Querida Andréa Flores,

Recebi sua carta e ela muito me encantou. Seu processo poético já está em pleno trajeto de criação. Por isso não resisto em te enviar um jogo de cartões postais desenhados por mim, e onde expresso minha experiência com o rito do chá sagrado na ilha de Colares, no estado do Pará, Amazônia Oriental.

- 455 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Postal 1



NA TOCA DA COBRA

Este postal representa minha primeira miração. Fui levada para a toca de uma cobra. Uma toca cheia de pedras de cristal gigantes. Esta cobra habita a terra, e não a água. Percorro todo o subterrâneo da terra e lá fora, o céu comemora esta minha aventura.

Fonte: Acervo pessoal de Wlad Lima



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Postal 2



PROFUNDA NATUREZA

Neste desenho represento variadas configurações que meu corpo assume após a ingestão do chá sagrado, da ayahuasca. Não tenho mirações, tenho corporações. Sou traspassada por seres não/humanos. Sou multiplicidade.

Fonte: Acervo pessoal de Wlad Lima



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Postal 3



DE CARA COM O MEU BICHO

Depois de algumas sessões de beberagens do chá, a cobra ficou de cara comigo. Segundo algumas etnias ameríndias a iniciação xamânica só acontece quando a cobra nos engole, assim, quando estamos cara/a/cara. Ela, a minha, ainda não me engoliu, mas sei que já engoli uma, pois já vomitei uma pele de cobra que estava dentro de mim.

Fonte: Acervo pessoal de Wlad Lima



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Postal 4



COMO UMA BONECA

Como ela é linda! Essa mulher, que sou eu mesma, parece uma boneca mexicana. Tão delicada e charmosa. Nua e ao mesmo tempo garbosamente ornada com suas jóias. Um rubi em flor adorna seu umbigo. Usa na cabeça a pele de um animal ou o arranjo vegetal de alguma planta espinhosa e bela. Flores mínimas são usadas como seu acento natural.

Fonte: Acervo pessoal de Wlad Lima



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Postal 5



UMA RISADA ATRAVESSOU A FLORESTA

Uma cômica quer atravessar um portal. Ela é, ao mesmo tempo, cômica e xamã. Não sei se o portal que vai atravessar é do tempo ou do espaço. Talvez seja um portal intergalático que nos liga a todo o universo, visível e invisível.

Fonte: Acervo pessoal de Wlad Lima



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Postal 6



TEREZA DE COLARES, UMA XAMÃ

A presença de Tereza de Colares sempre existiu na minha trajetória de vida. Durante muito tempo foi um nome, uma miragem. Agora eu posso conviver com ela e pensar, a partir de seu modo de pensar mundos, sobre o trajeto teatral de grandes companheiros meus. A simplicidade de Tereza me comove e me move. Seu mundo contamina o meu. Uma xamã.

Fonte: Acervo pessoal de Wlad Lima



IX CONGRESSO DA ABRACE

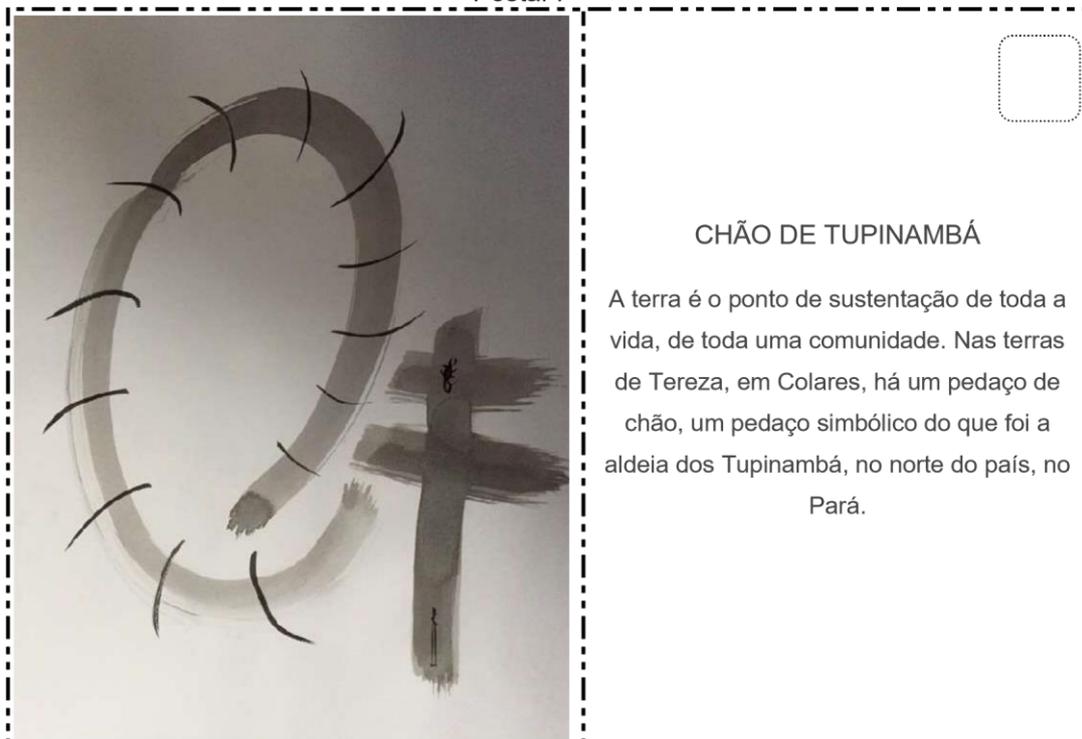
POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Postal 7



CHÃO DE TUPINAMBÁ

A terra é o ponto de sustentação de toda a vida, de toda uma comunidade. Nas terras de Tereza, em Colares, há um pedaço de chão, um pedaço simbólico do que foi a aldeia dos Tupinambá, no norte do país, no Pará.

Fonte: Acervo pessoal de Wlad Lima

Esse jogo de postais é uma cartografia, um mapa para te trazer de volta para casa.

Beijos, Wlad Lima.

Riomar

O rapsodo

A delimitação do ilimitado.

E sempre o tempo

reincidente

maré montante

jusante

eterno torno

- 462 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

vir a ser

forma informe

baixa mar

carência eterna maré

alta.

Rio a procura de si. O ir a ser (PAES LOUREIRO, 2015, p.134).

Belém, 28 de outubro de 2016.

Wlad,

Gratidão. Eu volto, transformada, seguindo teus postais e o maracá de Tereza^x. Nosso destino é ser onça.

Beijos, Andréa Flores.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. B. B. ABC do Santo Daime. Belém: EDUEPA, 2007. 96p.

_____. Padrinho Sebastião: máximas de um filósofo da floresta. Belém: EDUEPA, 2009. 66p.

BARBA, E. Além das ilhas flutuantes. Campinas: Hucitec: Unicamp, 1991. 298p.

BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da. Pistas do método da cartografia. Porto Alegre: Sulina, 2008. p.52-75.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: rizoma. In: _____. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995. p. 11-36. (Coleção Trans, v.1).

CAMARGO, E.; VILLAR, Diego (Orgs.). Huni kuin hiwepanibuki. A história dos Caxinauás por eles mesmos. La historia de los cashinauas por ellos mismos. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2013. 304p.

FARES, J. A. A Matintaperera no imaginário amazônico. In: MAUÉS, R. H.; VILLACORTA, G. M. (Orgs.). Pajelanças e religiões africanas na Amazônia. Belém: EDUFPA, 2008. p.311-326.

FLORES, A. B. Olha a palhaça no meio da rua: uma cartografia de Bilazinha da Mamãe pelas feiras livres de Belém. 2011. 98f. Monografia (Especialização em Estudos Contemporâneos do Corpo)- Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém. 2011.

_____. Palhaçaria feminina na Amazônia brasileira: uma cartografia de subversões poéticas e cômicas. 2014. 264f. Dissertação (Mestrado em Arte)- Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém. 2014.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 729p.

PAES LOUREIRO, J. de J. Cantares amazônicos. 4. ed. Belém: Cultural Brasil, 2015. 366p.

_____. Cultura amazônica: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras, 2001. 437p.

- 464 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

ROLNIK, S. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2007. 247p.

SOUZA, H. J. de. Dicionário amazônico de termos, abusões e verbetes. Manaus: Edua, 2012. 342p.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015. 288p.

i

Maria Betânia Barbosa Albuquerque (2007) explica que a miração é um estado de expansão da consciência provocado pelo efeito do Santo Daime, no qual a pessoa tem visões que revelam contato com seres astrais, sentimentos e pensamentos da pessoa, bem como revelações para a vida cotidiana do sujeito. ii

Amazônia rural, aqui, é termo que aciona a divisão existente no território amazônico descrita por Paes Loureiro (2001): espaço da cultura urbana e aquele da cultura rural. Neste último, sobre o refiro-me aqui, as raízes indígenas e caboclas podem ser percebidas com mais força, revelando sua originalidade e maior representatividade da cultura amazônica, espreado-se pelo mundo urbano, como também dele recebendo contribuições. A Amazônia rural revela modos de vida impregnados de figuras míticas e sociabilidades marcadas pelo imaginário estetizante e poetizador do território. iii

“Conta-se que o Mapinguari é um coatá gigante, de pelos espessos impermeáveis à bala. Seus gritos estridentes na mata estão sempre a procura de caçadores e seringueiros de quem almeja comer-lhes as cabeças, repuxando os músculos com seus dentes vorazes” (SOUZA, 2012, p.110).

iv

“O curupira é o mais endiabrado dos duendes da floresta e o mais antigo mito das crenças brasileiras, segundo descrições de 1560 do padre José de Anchieta. O Curupira é o protetor da floresta, e apresenta-se como um moleque travesso de cabelos

- 465 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016

UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

vermelhos, corpo simiesco, tendo os pés virados para trás. [...] Costuma castigar caçadores por meio de ilusão de ótica” (SOUZA, 2012, p.69).

v

Há várias versões para a Matintaperera. Uma das mais aceitas trata de mulheres, feiticeiras,

que recebem o “fado” de tornarem-se animais alados pela noite, a assobiar assombrando o sono do caboclo, que deve oferecer-lhe tabaco para evitar desgraças (FARES, 2008). vi

O Santo Daime é uma religião fundada no Brasil, especificamente na periferia da cidade de Rio Branco, Acre, por Raimundo Irineu Serra, maranhense, na década de 1930. O ritual baseia-se principalmente na ingestão da bebida sacramental, Daime, que é uma ressignificação da bebida indígena Ayahuasca (ALBUQUERQUE, 2009). vii

“Filósofo da floresta” é como Maria Betania Barbosa Albuquerque (2009), autora do livro que registra os pensamentos de Sebastião Mota de Melo, o Padrinho Sebastião, designa o Mestre. Nascido na região do Rio Juruá, no Amazonas, Padrinho Sebastião iniciou sua trajetória como curandeiro, tendo se tornado um dos responsáveis por expandir a religião do Daime na floresta amazônica, liderando a Colônia Cinco Mil, nos arredores de Rio Branco-AC. viii

Xapiri é o nome pelo qual os Yanomami designam os espíritos ancestrais. Somente os xamãs conseguem vê-los (KOPENAWA, ALBERT, 2015). ix

Várias são as explicações das comunidades para o repasse do fado de tornar-se Matintaperera. O que se utiliza aqui é um dos relatados por Fares (2008), segundo a qual, no momento da morte de uma matintaperera, ouve-se um grito: “quem quer?”. Caso alguém, por ignorância, curiosidade ou ganância, responder ao grito, dizendo “eu quero”, o encanto, o fado, é passado pela enfadada à pessoa que respondeu. x

Tereza de Colares é uma atriz-xamã, que conduz o ritual do chá sagrado em seu sítio, localizado no município de Colares, PA. Durante o ritual, o maracá marca o ritmo dos hinos entoados e são importantes guias para trazer de volta o pensamento, após ingestão do chá.